
BONECAS RITXOKÓ EM CONTEXTOS DE EXTENSÃO, PESQUISA E ENSINO: A ARTE DE FAZER, BRINCAR E REPRESENTAR O UNIVERSO FEMININO

RITXOKÓ DOLLS IN EXTENSION, RESEARCH, AND TEACHING CONTEXTS: THE ART OF MAKING, PLAYING, AND REPRESENTING THE FEMININE UNIVERSE

Submissão:
20/05/2025
Aceite:
25/08/2025

Elisangela Christiane de Pinheiro Leite Munaretto¹  <https://orcid.org/0000-0001-8377-165X>
Maclovia Corrêa da Silva²  <https://orcid.org/0000-0003-4506-1985>

Resumo

Este artigo apresenta um recorte do projeto extensionista “Diversidade cultural de povos indígenas na sociedade brasileira”, vinculado à Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Focamos na extensão, pesquisa e ensino, sobre a arte de fazer as bonecas Ritxokó, no universo feminino da cultura Karajá, os quais nos levaram a uma pesquisa bibliográfica, mobilizadora para a prática experimental com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. O estudo revelou possibilidades de aliar extensão, pesquisa e ensino, recorrendo à arte indígena como indutora da proposta metodológica. Fundamentamo-nos em pesquisas que reconhecem as bonecas Ritxokó como Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, além de depoimentos e oficinas práticas. Constatamos que a temática indígena, quando amplamente debatida em contextos de aprendizagem, por meio da confecção de bonecas da cultura Karajá, revelou saberes expressivos da representatividade feminina indígena.

Palavras-chave: Cultura Indígena Karajá; Universo Feminino; Bonecas Ritxokó; Educação; Arte.

¹ Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Curitiba profartelis@gmail.com

² Professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR macloviasilva@professores.utfpr.edu.br

Abstract

This article presents an excerpt from the project extension “Cultural Diversity of Indigenous Peoples in Brazilian Society,” affiliated with the Federal University of Technology – Paraná (UTFPR). Our focus on extension, research, and teaching on the art of making Rixokó dolls, within the feminine universe of Karajá culture, led us to conduct bibliographical research, which mobilized experimental practices with 6th-grade elementary school students. The study revealed possibilities for combining extension, research, and teaching, using Indigenous art as a driving force behind the methodological proposal. We drew on research that recognizes Rixokó dolls as National Artistic and Historical Heritage, as well as testimonials and practical workshops. We found that Indigenous themes, when widely discussed in learning contexts through the making of Karajá dolls, revealed significant knowledge of Indigenous female representation.

Keywords: Karajá Indigenous Culture; Feminine Universe; Rixokó Dolls; Education; Art.

Introdução

O estudo dessa discussão é uma amostra de um dos temas do projeto de extensão da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, denominado: Diversidade cultural de povos indígenas na sociedade brasileira. Este projeto é parte integrante do grupo de pesquisa Tecnologia e Meio ambiente (TEMA) do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE). Nessa direção, anunciamos no presente estudo o tema das bonecas de cerâmica da cultura Karajá, do universo feminino, como proposta de experimentação de pesquisa e extensão, considerando o relevo da discussão entorno do seu valoroso reconhecimento para a cultura brasileira.

Assim, acompanhamos os caminhos percorridos sobre a pesquisa da cultura Karajá, em vias de propagar possibilidades pedagógicas artísticas que considerem o acesso aos saberes relativos à brasiliade, com o intuito de promover, valorizar e respeitar a nossa cultura. De maneira especial as bonecas Karajá, feitas pelas ceramistas, em razão da ação reveladora do protagonismo feminino indígena, com funções socioeducativas, atravessa gerações. Neste contexto, despontamos a pesquisa experimental, a partir de uma ação pedagógica de intervenção com estudantes de uma escola pública, que nos articulou para seguir trilhas possíveis dentro do projeto de extensão. Por isso, escolhemos a pesquisa, extensão e ensino numa tríade abrangente de reflexão sobre o reconhecimento da cultura indígena brasileira.

Em função disso, nos defrontamos com maior interesse em compreender qual a relevância das bonecas Karajá, no reconhecimento da cultura brasileira, especialmente em contextos de aprendizagem. O ponto inicial de análise encontra-se nos modos de confecção, na leitura de formas instituídas pela arte, na boneca como suporte da ação de brincar e na representatividade do universo feminino indígena na escola.

É importante ressaltar que as hipóteses do trabalho convergem para a perspectiva da necessidade de ampliação do debate em temáticas curriculares, e priorização de conteúdos que enfatizem a cultura local. Nessa direção, apresenta-se a arte indígena como foco temático de saberes e conhecimentos a serem desmistificados e valorizados no Brasil. Lembramos a norma nacional, Lei n. 11.645/2008, que é marco legal da obrigatoriedade da inserção da temática da cultura africana e indígena, em contextos pedagógicos, dando visibilidade aos povos nativos e permitindo aos docentes trabalharem com a interdisciplinaridade.

Dessa forma, contamos com diferentes recursos didático-pedagógicos, trabalhos acadêmicos e práticas de projetos de extensão para tratar as relações sociais e ambientais que construíram a cultura brasileira, e que por séculos, estiveram fora dos currículos e livros didáticos das escolas. Se considerarmos as relações dos seres humanos com o seu ambiente vivo, a natureza, é possível afirmar que os projetos de extensão não somente levam conhecimentos para as comunidades, mas sim dialogam com elas e compartilham todas as formas de viver que estão ocultas e desconhecidas pelos estudiosos da arte e da educação.

Os caminhos para o advento do tema das bonecas Karajá

Para a elaboração deste texto, seguimos uma trilha que começou com a disciplina “Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos” que é ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE-UTFPR) em 2021. As discussões nos mobilizaram para a estruturação do projeto de extensão “Diversidade cultural de povos indígenas na sociedade brasileira”, que juntamente com o grupo de pesquisa “Tecnologia e Meio Ambiente (TEMA- UTFPR)” e o “Museu de Arte Indígena (MAI)”, juntaram esforços para o debate amplo sobre a cultura indígena e contribuições para a formação do povo brasileiro.

Os participantes escolheram trabalhar com materiais vivos e acervos, com intenções investigativas, viabilizando a formação de grupos de trabalho, os quais foram divididos da seguinte forma: práticas alimentares indígenas, levantamento bibliométrico e bonecas Karajá. Nosso trabalho se ateve ao recorte da arte, em especial o tema das bonecas Karajá e o universo feminino indígena.

Primeiramente, nos debruçamos nas publicações mais relevantes sobre as bonecas, sobretudo os documentos e pesquisas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) das bonecas Karajá. Fomos caminhando pelo traçado do reconhecimento do protagonismo desta etnia, que alcançou o status de patrimônio da cultura imaterial brasileira. Na sequência, fizemos visitas monitoradas ao MAI, o qual oferta para os visitantes oficinas de bonecas inspiradas na cultura Karajá.

Esta ideia se estendeu para a escola, onde uma das pesquisadoras trabalha com o componente curricular arte, com crianças de 6º ano do Ensino Fundamental de uma instituição pública. O grupo de trabalho das bonecas Karajá realizou uma experimentação de pesquisa atrelando os saberes teóricos e práticos para elaborar as propostas. As discussões se fundamentaram em diálogo entre a extensão, pesquisa e o ensino, ampliando a formação estudantil e docente com elementos da cultura indígena. A meta central foi dar protagonismo para a cultura local, articulando saberes interdisciplinares e multiculturais. A representação mental da trilha pode ser visualizada na Figura 1.

Figura 1 – Mapa mental com a trajetória de pesquisa, extensão e ensino.



Fonte: As autoras (2021).

A partir das características da caminhada de pesquisa, a abordagem de enfoque das bonecas Karajá foi de caráter qualitativo, com direcionamento para a pesquisa exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória se mostra como um método significativo, uma vez que, à esteira do que nos elucida Sampieri, Collado e Lucio (2013), é realizada quando se tem o propósito de examinar uma temática pouco estudada, ou que não tenha sido abordada anteriormente.

Foi realizada uma busca pelo banco de teses e dissertações da CAPES entre 2017 a 2021, selecionando as palavras-chave: karaj* e bonec*¹, no qual não obtivemos nenhum resultado. Isso indica que em termos de pesquisas acadêmicas no Brasil, o tema ainda se encontra carente de estudos, incipiente e adormecido. Diante das lacunas de pesquisa, a natureza descritiva das ações traz conteúdos e argumentos para o debate, assim como, sugestões de pesquisa para temas comuns de propostas, programas, projetos e movimentos artísticos. Entendemos que “os estudos descritivos servem para analisar como é e como se manifesta um fenômeno e seus componentes” (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 109).

Foi de grande valia a participação na disciplina e a criação do projeto de extensão para continuarmos na jornada da exploração da cultura local no ambiente escolar. Na continuidade, a ideia do brincar entra em cena para construir o nosso modelo de estudo.

O brincar na cultura indígena

O brincar das crianças indígenas, segundo resposta de Fernandes (2021)², é uma ação que acon-

¹ No portal de dados abertos da CAPES foi encontrada as planilhas em formato Excel com as teses e dissertações brasileiras por ano de publicação. Neste arquivo foi realizado o filtro na coluna de palavras-chave, utilizando o método de truncamento de palavras. As tabelas podem ser consultadas no link: <https://dadosabertos.capes.gov.br/group/catalogo-deteses-e-dissertacoes-brasil>. Acesso em: 29 ago. 2025.

² Depoimento do Professor Florêncio Rekayg Fernandes, na disciplina: Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos, UTFPR, em 19 de novembro de 2021.

tece em sintonia com a natureza, e está presente no ato de subir em árvores, nadar em rios, e imitar os adultos nos afazeres de trabalho. Este é o espelho das crianças, que imitam o fazer brincando e participam das tarefas como formas de inserção na comunidade (depoimento).

Este testemunho sobre a ação do brincar na cultura indígena está atrelado ao viver com a natureza e o meio ambiente, associando gestos e movimentos corporais, dançando numa composição fluída com os quatro elementos do mundo natural: terra, água, ar e fogo, em que a coreografia é o próprio pulsar brincante (Piorski, 2016).

Vale ressaltar que a ação de brincar da criança é a sua inserção na cultura é o seu modo de viver, expressar, lutar, jogar, experimentar, criar, recriar, imitar, imaginar, fantasiar, dentre tantas outras ações. Seria, tudo isto, o que é mais importante e sério para realizar na infância (Friedmann, 2003; Vygotsky, 2009). Reconhecemos nestas ações a genuína fonte de acesso aos saberes concernentes à vida, sobretudo porque não existem fins utilitários afins, pois é no brincar que se consolidam as relações sociais, e se constroem os modos de viver (Elkonin, 2009).

Na família, os adultos, representados pelos pais, avós, tios, irmãos mais velhos são agentes formadores que interveem transmitindo para as crianças a cultura indígena, por meio dos seus modos de ser, agir, trabalhar, festejar, enfim viver. Elkonin (2009, p. 42) complementa esta ideia do brincar e das regras implícitas, ou explícitas, e explica que “o conteúdo do jogo infantil está relacionado com a vida, o trabalho e a atividade dos membros adultos da sociedade”. O autor destaca que as crianças vivem num ambiente rico de experiências, do qual faz parte o mundo do trabalho, e elas protagonizam e apresentam, em suas brincadeiras, as mais variadas formas de criação.

Viagem pelo universo feminino Karajá: ofício de fazer bonecas e o reconhecimento da cultura

A ação do brincar infantil se apresenta como uma aventura que vai aos poucos reivindicando apoios lúdicos que denominamos de brinquedos. A propósito dos brinquedos, Grillo et al. (2019) analisaram os conceitos de brinquedo dos autores Brougère, Vigotski e Benjamin. Na convergência de ideias sobre a constituição desses artefatos, eles concluíram que se tratam de constitutivos de propriedade histórico-cultural. Disso decorre, um direcionamento sobre as diferentes tipologias de brinquedos que se tornam variantes acordadas com as culturas.

No caso das bonecas Karajá, elas representam a cultura da etnia, com função lúdica, especialmente consideradas meios de socialização das meninas indígenas (Lima Filho; Camargo, 2012). Além disso, são objetos de trabalho e renda exclusiva das mulheres Karajá. No decorrer da história da confecção de bonecas, observam-se mudanças e influências de outras culturas não indígenas, que inseriram as ideias de bonecas da fase antiga e da fase moderna. Inicialmente, as indígenas não precisavam se ater à durabilidade das peças, e por isto não havia a preocupação com a matéria prima. Com a inserção da comercialização das bonecas, a argila natural e a cera de abelha se transformaram na queima da argila, na mudança de formas e no uso de outros materiais. As bonecas perderam o estilo efêmero da arte de fazer bonecas, e absorveram as exigências da fase moderna, com mudanças estéticas em comparação à fase antiga (Lima N. C. et al., 2011).

Ainda que predominem as bonecas da fase moderna, que trouxeram transformações causadas pelo desejo de ter de colecionadores, turistas e viajantes, elas não perderam sua importância e visi-

bilidade, pois elas permanecem em vitrines de espaços museológicos, feiras e em lojas de comércio, e podem ser revisitadas outrossim em espaços museológicos. Pesquisadores advertem que as influências estéticas das peças da fase antiga ainda são encontradas, pois, as ceramistas não deixaram de fazê-las, mesmo, as mais novas herdeiras dessa tradição mantêm viva a forma tradicional estilística (Lima N. C. et al., 2011).

Campos (2007) diz que o universo feminino tem demarcado ações na aldeia Karajá que são demonstradas inclusive na linguagem, como pode ser observado na denominação das bonecas. “Hoje podemos afirmar que a forma correta, discursiva e grafada é Rítroxó, na fala feminina ou Ritxoó, na masculina, sendo que o R tem o som como se estivesse entre duas vogais” (Campos, 2007, p. 47). Essa diferenciação linguística, em termos de gênero, é uma especificidade da língua, que precisa ser observada com as lentes da própria cultura. Corroboram as tradições e costumes das etnias indígenas, uma vez que, é eles contêm uma espécie de mensagem das mulheres sobre a forma como vivem, cabendo aos não indígenas atribuir empatia e valorização às suas escolhas (Whan, 2022).

Impregnada da arte do fazer das mulheres Karajá, as Rítroxó foram, em 2012, merecidamente reconhecidas pelo IPHAN como expressão artística e cosmológica da etnia. Este reconhecimento somente foi possível devido às pesquisas etnográficas e bibliográficas ocorrentes de 2008 a 2011, que se tornaram documentos relevantes e valorosos da cultura brasileira (Lima N. C. et al., 2011). O valor está na cultura imaterial, na forma de fazer as bonecas Rítroxó, uma vez que são produzidas a partir de processos de preparo da argila, encontrada ao redor do rio Araguaia.

Feitas de matéria natural, as ceramistas dão existência material a imagens de seu ambiente, todas elas denominadas bonecas e bonecos, seja em forma de animais, pessoas, seres sobrenaturais, seja pelos valores sociais e julgamentos estéticos, destinados ao uso culturalmente estabelecido. São as mãos das ceramistas, preparadoras da argila, que exploram a singularidade e a criatividade, dando forma ao que era disforme, espelhando-se nos modelos culturais e na paisagem que lhes abriga (Campos, 2007).

O fazer das ceramistas se efetiva desde a coleta da argila, passando pela preparação, modelagem, secagem e queima, alisamento da peça e pintura a partir de grafismos. Isso denota a qualificação inerente das mulheres que constroem as bonecas, pois é uma atividade feita unicamente por elas. Este saber fazer é passado tradicionalmente de geração em geração, e constitui hoje uma importante fonte de renda para o povo karajá (Lima, et al., 2011). As etapas demandam saberes específicos, condicionadas pelo ambiente, já que os recursos são frutos advindos da terra e os procedimentos fazem parte de técnicas, diretamente conectados com o respeito ao tempo da natureza, uma sabedoria peculiar das mulheres Karajá.

Vale lembrar de onde vieram estas ideias de criar recursos lúdicos. As primeiras bonecas, registradas na história, eram de barro tendo “sido feitas pelo Homo sapiens sapiens há 40 mil anos, na África e na Ásia, com propósitos ritualísticos” (Atzingen, 2001, p. 5). O barro, enquanto matéria prima, tem suprido há tempos a necessidade humana de traduzir em forma a simbologia do humano. Porém, segundo a autora, os objetos nem sempre foram criados com a finalidade lúdica do brincar, e isto ocorreu, somente, no Egito, há aproximadamente 5 mil anos atrás.

Disso decorre a reflexão sobre as bonecas Rítroxó transitarem entre o ritualístico e o suporte do brincar, uma vez que são feitas artesanalmente para as meninas com propósitos que qualificam a ação lúdica. Elas representam “dramatizações de acontecimentos da vida cotidiana e ritual, assim como personagens mitológicos” (Lima Filho; Camargo, 2012, p. 49).

As meninas são presenteadas com um conjunto de bonecas Rixokó denominadas de família, usadas para brincar. Mas, ao mesmo tempo, funcionam como um apoio pedagógico essencial na formação da identidade Karajá. Esta família representa as diferentes faixas etárias, e seus ornamentos e grafismos denotam características etárias, e diversas etapas do ciclo vital vivenciadas pelos indígenas (ver figura 2).

Figura 2 – Família de bonecas Rixokó – acervo do MAI



Fonte: autoria própria (2021).

É importante ressaltar que as bonecas da família são um presente recebido pelas avós, mães ou tias, e que as meninas acompanham atentas estas mulheres no processo de criação das Rixokó. Há meninas que brincam de modelar a argila aspirando tornar-se ceramista como as mulheres da aldeia. Por volta de seis anos de idade, elas recebem a família que vem aconchegada num cesto denominado *ueriri* (Lima, et al., 2011).

De acordo com Campos (2002, p. 233), as bonecas para além de uma diversão, são uma forma de acessar os conhecimentos e as tradições, bem como preparam as crianças para a “passagem do mundo infantil para o mundo adulto”. As bonecas Rixokó reúnem múltiplos aspectos sociais que se interligam diretamente na base da vida comum da cultura indígena Karajá.

Quando comercializadas, os consumidores não-indígenas as denominam de brinquedos, especialmente os bonecos e bonecas, os quais estão estreitamente ligados com a ação de brincar. São suportes lúdicos que direcionam o pensamento infantil em diversos aspectos, e mantêm estreita relação com o desenvolvimento infantil e o desejo de consumo. Bonecos e bonecas são uma forma antropomorfa de representar as ações humanas em meio a ação de brincar e, por isso merecem um olhar ampliado, especialmente, no ambiente educativo.

Bonecas indígenas de pano: acesso à tecnologia em vias da representatividade a partir de We'e'na e Luakan.

Reiteramos que as crianças indígenas brincam com os elementos da natureza. Com base no depoimento de We'e'na Tikuna (2020), a infância está marcada por brincadeiras na terra, o colher frutas, nadar em rios, engolir peixinhos e se pintar. No entanto, quando ela teve contato com a vida na cidade, teve o desejo de ter uma boneca brinquedo, mas seus pais não podiam comprar (Tikuna, 2020). Este depoimento revela um sentimento de criança indígena que se deparou com a cultura dos não indígenas, que brincam com brinquedos advindos principalmente da indústria. O desejo por ter

uma boneca, marcou We'e'na Tikuna, moça amazonense que orgulhosa de sua cultura, não se contenta em satisfazer seus sonhos infantis, mas foi além ao ter a oportunidade de fazer uma boneca e de concluir o curso de Artes (ver figura 3).

Figura 3 – We'e'na Tikuna com a sua boneca



Fonte: imagem extraída do canal We'e'na Tikuna no Youtube (2021).

Passou a trabalhar com bonecas, expressando a riqueza cultural de sua etnia. We'e'na Tikuna faz parte de redes sociais, nas quais ela manifesta o orgulho da sua cultura, e do maior objetivo do seu trabalho com bonecas, que é suprimir o preconceito existente na cultura brasileira com as etnias indígenas.

Ela se sentiu mobilizada para realizar esta confecção de bonecas porque observou, em um contato com crianças não indígenas, o medo que ela causou para elas. A desinformação e reação das crianças sobre as tradições indígenas foram objetos de poder para o fazer, e suas mãos passaram a representar a etnia por meio do brincar, e do brincar com bonecas.

Nesse direcionamento, nos é posto que o desconhecimento e a reação por parte destas crianças apresentam uma urgência pela mobilização em termos de gestão social e política, encabeçadas pelo cumprimento da lei de diretrizes e bases sobre as culturas afro-indígenas. Adicionada a esta ideia, retomamos a história emocionante da etnia Anambé (2021), localizada no estado do Pará, na pessoa de Luakan³. Ela também criou uma grife para seus bonecos, denominada Anaty, e a ideia também partiu

³ Depoimento de Luakan Borges, na disciplina: Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos, UTFPR, em 25 de novembro de 2021.

do seu desejo infantil de ter uma boneca. Desejo esse que não foi atendido na infância, mas que na fase adulta pode ser concretizado, quando teve acesso à máquina de costura (depoimento).

Ambos os relatos se fundamentam em sonhos infantis de mulheres ‘guerreiras’ que ao se deparam com brinquedos da cultura não indígena, na infância, sentiram o desejo desse suporte lúdico. Tanto We’e’ena quanto Luakan advêm de raízes indígenas em que o artefato boneca não fazia parte da tradição cultural do brincar, e não tinha representatividade para elas.

Disto decorre a importância desta tradição da cultura Karajá, em que as Rixokó fazem parte da composição da vida da família. O atravessamento da cultura do não-indígena no brincar modifica toda a representação cultural das etnias. As mães e avós da etnia karajá relatam que as meninas preferem brincar com as bonecas industrializadas. Os pesquisadores observaram que as meninas brincam com as bonecas Rixokó junto com as feitas de plástico, compondo com retalhos as vestes das bonecas demonstrando assim uma ressignificação desse brincar (ver figura 4).

Figura 4 – Brinquedos da menina Loywá de Santa Izabel do Morro – TO



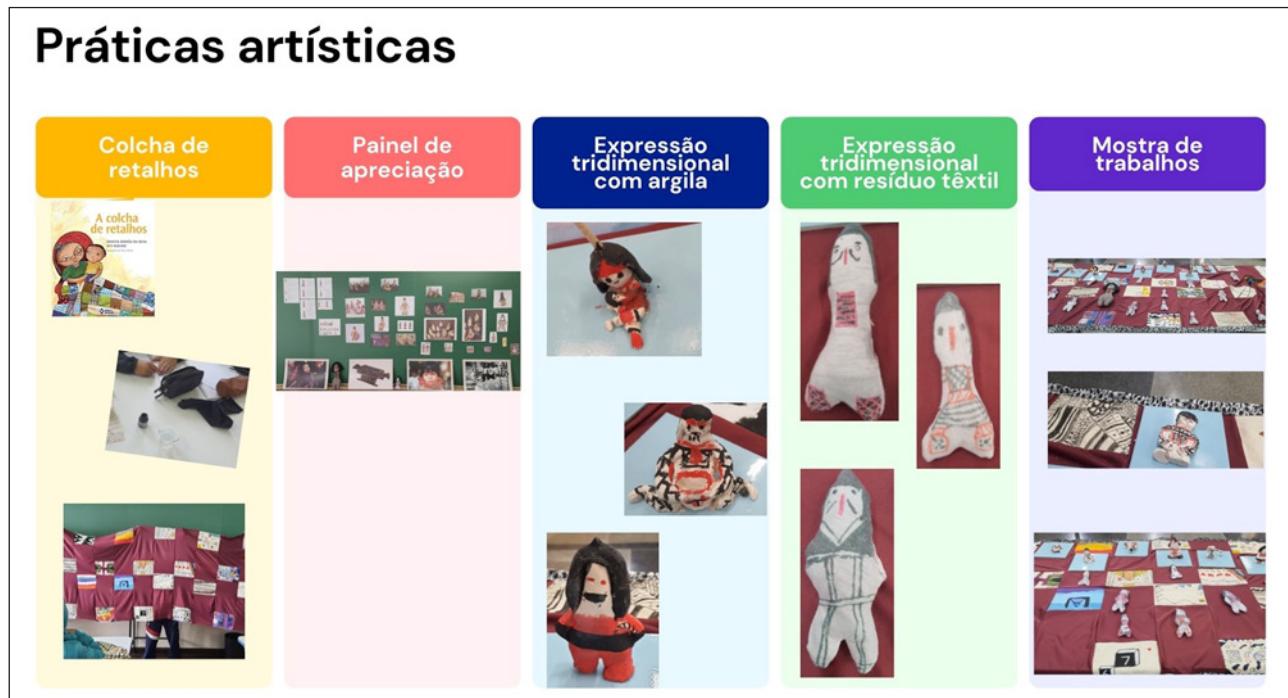
Fonte: imagem extraída do Dossiê de reconhecimento das Rixokó. Nei Clara de Lima (2010).

Por outro lado, é importante destacar a fala das meninas brincantes, que ao contrário do que relatam as avós e mães, elas afirmam que as Rixokó são as suas bonecas preferidas (Lima, et al., 2011). Muito importante dizer que os contatos entre povos não afastam suas tradições. As mulheres Karajá continuam a fazer bonecos, tanto para o sustento da etnia, como para manter a tradição do brincar com a família.

No ensino, a experiência com as bonecas Rixokó fonte de inspiração para práticas artísticas

Em função da pesquisa realizada no âmbito bibliográfico, e a começar dos estudos advindos da disciplina: “Práticas educativas, culturais e ambientais para a constituição de saberes e conhecimentos”, foi possível realizar uma singela experiência laboratorial com estudantes do 6º ano de uma escola pública do município de Curitiba. Ousamos colocar em prática de ensino e extensão os estudos referentes à cultura indígena. Essa parte da pesquisa experimental foi realizada em cinco etapas conforme ilustrado na figura 5.

Figura 5 – Etapas da pesquisa experimental



Fonte: as autoras (2021)

A colcha de retalhos

Com o propósito de induzir os estudantes no contexto da cultura indígena, lemos a história “A colcha de retalhos”, como forma de sensibilizá-los em relação a figura dos avós. A ideia era levá-los a compreender e reconhecer a sabedoria dos mais velhos. A ancestralidade é um dos fatores que conduz a apropriação dos indígenas aos saberes da cultura, e o papel dos avós é fundamental. Concomitantemente, os estudantes trabalharam os grafismos indígenas. Convidamos os estudantes para desenvolver um projeto em tecido (retalho) com a intenção de associar pedacinhos para formar uma colcha de retalhos de forma colaborativa.

Destaca-se que a sociedade estava vivenciando um contexto peculiar, de perdas, separações e alegrias, e os estudantes estavam abandonando o isolamento social, trazido pela Pandemia da COVID-19, e recomeçando as aulas presenciais. Muitos estudantes tiveram perdas lamentáveis de parentes idosos devido à propagação da doença. Portanto, a escolha pela história da colcha de retalhos tinha o intuito de reafirmar a importância daqueles entes que nos antecederam, e suas presenças em nossas vidas a partir de memórias afetivas.

A turma do 6º ano estava enfrentando um salto de número de presenças na escola, ou seja, desde que concluíram o 4º ano do ensino fundamental, mantiveram-se em casa para então frequentar o espaço escolar no segundo semestre de 2021. Tínhamos clareza de que era um momento característico da vida social e escolar destes estudantes. Isso justifica a nossa decisão em construir com eles uma cortina de retalhos para a sala de arte. Queríamos que os ambientes da escola tivessem marcas dos estudantes para que se sentissem pertencentes a este espaço que por algum tempo não habitavam. Cada retalho demarcado pelos grafismos inspirados da cultura indígena feito pelos estudantes foi prontamente costurado, um a um, para formar a cortina.

Painel de apreciação

O resultado do trabalho de confecção de uma cortina de retalhos foi muito satisfatório, e isto nos impulsionou para a continuidade da temática, fazendo o recorte com as bonecas Ritxokó. Para tanto, foi construído um painel ilustrativo com diferentes imagens com o propósito de apreciação e inspiração para os estudantes.

A leitura de imagens é um dos pilares da tríade proposta por Barbosa (2007), a qual se destaca pelo compromisso com a cultura e a história em relação à arte-educação. A autora, ao ensejar a tríade fruição, produção e contextualização, clama pelo saber consciente que possibilita aprendizagens expandidas, o desenvolvimento pessoal, o olhar para a realidade, e o compromisso com a diversidade cultural. Entendemos que, na docência, o trabalho pedagógico é parte da formação humana, crítica, integral, artística e multicultural dos estudantes.

A educação multicultural nasceu nos anos 1970, e “ela reconhece similaridades entre grupos étnicos ao invés de salientar as diferenças, promovendo o cruzamento cultural das fronteiras entre as culturas, sejam elas quais forem, e não a sua permanência” (Richter, 2012, p. 99). Ela, por admitir diversidades, nos mais diferentes contextos, promove a quebra de estereótipos. Trabalhar com grupos étnicos, de acordo com o que preconiza Richter (2012), aumenta as possibilidades de trocas culturais, sem atrelar às datas comemorativas, e sim aos projetos educativos. É inegável que, quando a escola seleciona o desenvolvimento do tema da cultura, ela está proporcionando experiências estéticas nacionais e internacionais, e de pertencimento, tanto para docentes quanto para discentes.

Para além de expandir saberes, ao apreciar as imagens, a leitura delas promove a ampliação do olhar a partir da contextualização. Ao apresentar o painel de imagens aos estudantes, demos ênfase para o momento de apreciação, com o levantamento das dúvidas. Ao mesmo tempo, solicitamos que escolhessem as imagens preferidas. Foram feitos debates acerca dos ritos empreendidos nos grafismos Karajá, principalmente aqueles que denotam as etapas da vida indígena, sendo discutidos especialmente os pontos referentes à família das bonecas Ritxokó. Isto possibilitou aos estudantes a apropriação de repertório para o desenvolvimento do trabalho com a expressão tridimensional, utilizando como suporte a argila.

Expressão tridimensional com argila

Escolhemos trabalhar com a tridimensionalidade com o suporte da argila porque ela se assemelha ao contexto do universo feminino da cultura Karajá. A argila é um material pedagógico que é muito utilizado para trabalhar a passagem das técnicas 2D para a 3D. A manualidade com este tipo de material permite sentir com o toque das mãos a massa em processo de maleabilidade que se transforma criativamente.

A proposta de confecção dos bonecos de argila sucedeu o projeto em desenho, como um protótipo para antecipar as primeiras ideias pretendidas para a tridimensionalidade. A etapa de produção exigiu um pensar, o exercício da racionalidade advinda de técnicas, a leitura e o contexto da arte indígena que se pretendia trabalhar.

O painel de apreciação foi um suporte de leitura e de inspiração para esboçar os desenhos, o qual retratou ações expressas de trabalho e cuidado no dia a dia da cultura Karajá. Este material foi um mobilizador da cultura, mas muitos estudantes ampliaram a pesquisa, no tablet, para conhecer outros hábitos e costumes da etnia, e poder inserir outras características nos bonecos desenhados.

Com os esboços prontos, os estudantes partiram para a manualidade com a argila. Nós havíamos preparado a argila para que estivesse no ponto ideal para a moldagem com as mãos. Percebemos que os estudantes estavam eufóricos com a possibilidade de trabalhar com este tipo de material, principalmente pelo fato de ter um objeto que poderiam levar consigo. Foram planejados dois momentos didático-pedagógicos distintos, um para a modelagem e o outro para a pintura.

Em relação à pintura eles sabiam que as cores utilizadas pela etnia eram o preto e o vermelho, dada as explicações de como os Karajás extraem o material para fabricar as tintas. No caso da escola, foi feita uma adaptação com a tinta guache, diferente do contexto original em que se utilizam a cor preta, extraída do jenipapo, e a cor vermelha do urucum. O momento da pintura rendeu descontração, relaxamento e muitas visitas aos esboços e ao painel de apreciação.

É importante ressaltar, que a argila, sem o processo de queima, torna-se um trabalho com resultado efêmero e frágil, como ocorria na criação de bonecas Karajás do universo feminino da fase antiga. Os estudantes puderam vivenciar este fato, o que lhes trouxe motivação para expressar uma espécie de frustração, perda e decepção. Na escola não tinha forno para a queima das peças feitas pelos estudantes, e elas passaram apenas pela secagem natural. Os bonecos foram rachando e esfarelando, e mesmo que tenham havido tentativas de recuperação, os estudantes não sentiram confiança para expor seus trabalhos. Isso nos mobilizou para oferecer uma proposta de confecção de bonecos com resíduos têxteis.

Expressão tridimensional com resíduos têxteis

Com a efemeridade do trabalho com a argila, recorremos a pesquisa sobre o gerenciamento de resíduos têxteis, e partimos para repetir o processo com bonecas de pano, nos inspirando nas experiências de We'e'na e Luakan. Foram desenhados dois moldes de bonecos inspirados nas bonecas Rixokó, utilizando retalhos brancos. Mais de 30 bonecos se tornaram uma tela em branco para os estudantes trabalharem a arte indígena, em especial o grafismo.

Discutimos sobre os resíduos têxteis e o problema ambiental envolvendo este tipo de resíduo, contextualizando-o na produção industrial e consumo têxtil, e destacando a nossa responsabilidade diante disso. Com este olhar, foi possível construir sentidos para o reaproveitamento de resíduos por meio da arte e educação, e transformar hábitos e costumes.

Entendemos que a pesquisa nos colocou nesse lugar de integração entre áreas de formação humana, em que a arte e o ambiente se conectaram em projetos educacionais. Isso justifica refletir sobre o contraponto ao sistema homogeneizante e padronizado que promove unicidades estabelecidas no mundo pós-moderno, no qual o hiperconsumo se instaurou (Lipovetsky, 2005). Consequentemente, o papel do docente é levar aos estudantes a oportunidade de reflexão sobre aquilo que está imposto pela

cultura massificada ao identificar, expressar e promover a criação de objetos singulares. O ensino, pelo viés artístico, tem como premissa tornar visível a expressão individual e coletiva do ser humano, tocado pela experiência, e alinhado com outras formas de conceber a humanidade em nós.

A escolha docente pelos resíduos têxteis significa a ampliação do tema da arte indígena, usando as técnicas pedagógicas da transversalidade e interdisciplinaridade da educação ambiental. Para além das discussões sobre o cotidiano da etnia, as reflexões fizeram articulações com problemas socioeconômicos e ambientais da sociedade moderna. Ao invés da compra de materiais, tivemos o desejo de reaproveitar o que já está classificado como resíduo, como algo desprezado, inutilizável e com destino marcado.

Podemos afirmar que o sentido do trabalho com os bonecos de resíduos têxteis expandiu-se para além de um simples fazer, e se transformou em uma experiência com sentido e propósito. Cada estudante escolheu um boneco vazio, e passou a recheá-lo com resíduos têxteis, e o fechamento foi feito com cola. Agora, todos estavam prontos para receber a pintura do grafismo Karajá, com o auxílio de canetas esferográficas de cor preta e vermelha utilizadas como riscantes.

Vale destacar a proximidade entre o grafismo nas bonecas Rixòkò e a pintura corporal desta comunidade. Os desenhos têm especificidades próprias dos povos Karajás e demarcam por exemplo, o gênero e idade. Os bonecos que têm a pintura preta, assemelhadas as asas de um morcego, no peito são definitivamente do sexo masculino. O grafismo da cultura Karajá já fazia parte do repertório dos estudantes, e a atividade foi repetida com a mudança de suporte. No final, foi organizada uma exposição dos trabalhos, conforme a Figura 5, para que a comunidade escolar pudesse contemplar.

Mostra de trabalhos

O projeto sobre a cultura indígena Karajá culminou em uma bela exposição dos trabalhos dos estudantes. Para a montagem utilizamos a colcha de retalhos, antes que ela se transformasse em cortina da sala de artes, para cobrir uma mesa e receber os trabalhos tridimensionais. O suporte dos bonecos de argila foram azulejos, dispostos sobre a colcha, para dar sustentação temporária aos objetos artísticos. Alguns retalhos da colcha não tinham sido grafados, e nestes intervalos de tecidos foi possível combinar também os bonecos de resíduos têxteis. Logo, a exposição artística na escola combinou a colcha de retalhos, os bonecos em argila e os bonecos de pano.

A mostra dos trabalhos foi um momento relevante para os estudantes que expressaram orgulho pelas suas produções, eles tiveram a oportunidade de mostrar para os outros colegas da escola e para suas famílias o que haviam aprendido e realizado. E no final, eles manifestaram sua ansiedade em levar seus bonecos para casa.

Considerações finais

Nosso texto assemelha-se a uma pintura de grafismo, a qual associa práticas didático-pedagógicas com aspectos de uma etnia indígena, que fez parte de um projeto extensionista iniciado em 2021, e ainda vigente. Estas vivências foram ações iniciantes de um processo ensino e aprendizagem que não tem limites, dada a importância da temática e da necessidade de novas pesquisas. Houve uma fusão de corpos teóricos com pesquisas documentais e experimentais. Foi de grande valia compreender as representatividades das bonecas Rixokó para conhecer um dos lados da cultura indígena Karajá, e para transmiti-las e repassá-las para o contexto escolar.

Essa nomenclatura própria, esse saber fazer tão exclusivo do universo feminino das ceramistas compõem na artesania das Rixokó uma atmosfera peculiar que emerge da cultura e nos invade visivelmente a percepção das tradições retratadas pelo fazer das mulheres. A arte, impregnada nos modos de fazer as bonecas Rixokó, o brincar e o acesso aos saberes das crianças, nos faz interlocutoras de debates, especialmente em contextos pedagógicos.

É necessário reconhecer que essa temática é exploratória, porém extraordinária na sua riqueza de saberes e conhecimentos. Foi na pesquisa experimental que houve esta descoberta, enriquecida com a inserção das vivências estudantis e seus desejos de saber mais e mais. Os depoimentos e os interesses transformaram-se pelo encantamento da arte, pela metodologia brincante e pela atribuição de valores ao desconhecido que abriu as portas mágicas do universo cognitivo.

Mais ainda, podemos falar do desejo de expor, de exibir, de se afirmar como criador, que ocorreu na mostra de trabalhos. Ao final do ano, os estudantes aderiram à abordagem pedagógica artística desafiante, instigante, comprometida com o processo ensino e aprendizagem. Por outro lado, as pesquisadoras justificam suas ações por meio das diretrizes curriculares, dando relevância a temas dantes nunca navegados, potencializando discussões sobre os povos nativos, que cuidavam desta terra Brasil antes da era dos ‘descobrimentos’. As áreas de conhecimentos das Artes, Literatura e História não restringem os conteúdos referentes à cultura dos povos indígenas brasileiros, mas antes, instigam a sua propagação para todos os componentes curriculares.

Nessa direção, é salutar mencionar a importância da formação docente e discente para o melhor desenvolvimento dos temas das culturas brasileiras, de cursos e projetos de extensão que preparam pessoas para disseminar o respeito à natureza e ao meio ambiente, valorizando o que temos de melhor no nosso país.

Referências bibliográficas

- ATZINGEN, Maria C. V. **História do brinquedo**: para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo: Alegro, 2001.
- BARBOSA, Ana M. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 05/01/2023.
- BRASIL. Lei nº 11.645, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 mar. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 04/01/2022.
- CAMPOS, Sandra L. Bonecas Karajá: apenas um brinquedo? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 12, p. 233-248, 2002. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revmae/article/view/109451>. Acesso em: 10/01/2022.
- CAMPOS, Sandra L. **Bonecas Karajá**: modelando inovações, transmitindo tradições. 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3835>. Acesso em: 08/01/2022.
- DADOS ABERTOS CAPES. [internet]. [2017 a 2020] **Catálogo de Teses e Dissertações** – Brasil. Disponível em: <https://dadosabertos.capes.gov.br/dataset/2017-2020-catalogo-de-teses-edissertacoes-da-capes>. Acesso em: 25/01/2022.
- ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do jogo**. 2ª ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- FRIEDMANN, Adriana. & CRAEMER, Ute. (orgs.). **Caminhos para uma Aliança pela Infância**. São Paulo: Aliança pela Infância, 2003.
- GRILLO, Rogério de M.; SPOLAOR, Gabriel da C.; PRODÓCIMO, Elaine. Notas sobre o brinquedo: possível diálogo entre Brougère, Benjamin e Vigotski. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, p. 1-14, 02 dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/9JjKsvRH3LrrZbqzrYsvY8s/>. Acesso em: 05/01/2022.
- LIMA FILHO, Manuel F. e S., CAMARGO, Telma. A arte de saber fazer grafismo nas bonecas karajás. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 45-74, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/jrZcJSC76yHgyv4qyfvHGQK/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 04/01/2022.
- LIMA, Nei C. et al. **Bonecas karajá**: arte, memória e identidade indígena no Araguaia: dossiê descriptivo do modo de fazer ritxoko. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/Museu Antropológico, 2011. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bonecas_karaja_m.pdf. Acesso em: 04/01/2022.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão:** a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2016.

RICHTER, Ivone M. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana M. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte.** São Paulo: Cortez, 2012.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, Maria del P. B. **Metodologia de pesquisa.** Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Conceil C. & RIBEIRO, Nye. **A colcha de retalhos.** 3^a ed., São Paulo: editora do Brasil, 2010.

TIKUNA, We'e'na. **Boneca Indígena.** Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AkIbr9KtXPK>. Acesso em: 30/12/2021.

VYGOTSKY, Lev. **A imaginação e a arte na infância.** Lisboa: Relógio d'água, 2009.

WHAN, Chang. **Ritxoko:** a voz visual das ceramistas Iny. Curitiba: Appris, 2022.